

CORREA, S. M. D. S. Presentismo negro: um tópico subjacente na história afro-brasileira. **Anos 90**, Porto Alegre, 2008., p. 257-285

DANTAS, S. M. S. **Memórias e histórias de quilombos no Ceará**. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, p. 9 - 257. 2009.

DIAS, P. D. O. A Bárbara Guerra do Açú. **Impressões Rebeldes**, 31 maio 2022. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/impressoesrebeldes/revista/a-barbara-guerra-do-acu/>.

FILHO, C. S. Os aborígenes do Ceará. In: FILHO, C. S. **Os aborígenes do Ceará**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1965., p. 25 - 27.

GIRÃO, R. **A Marcha do Povoamento no Vale do Jaguaribe (1600-1700)**. SUDENE. Fortaleza, p. 5-89. 1986.

GIRÃO, R. **Pequena História do Ceará**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1971.

JÚNIOR, D. M. D. A. Violar Memórias e Gestar a História: Abordagem a uma problemática fecunda que torna a tarefa do historiador um "parto difícil". **CLIO - Série História do Nordeste**, 1994., p. 39 - 52

MUNANGA, K. **Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações**. Português 1. ed. São Paulo: Global, 2023.

NOBRE, G. D. S. **As Oficinas de Carnes do Ceará:** Uma Solução Local para uma Pecuária em Crise. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1977.

OLIVEIRA, P. A. D. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, jan/dez 1979., p. 325 - 338

PUNTONI, P. **A Guerra dos Bárbaros**: povos indígenas e a colonização do Brasil 1650 - 1720. São Paulo: Hucitec, 2002.

SANTOS, A. B. D. **A terra dá, a terra quer**. 1. ed. São Paulo: Ubu, 2023.

SILVA, I. B. P. D. **Vilas de Índios no Ceará Grande**. Campinas, SP: Pontes, 2006.

SILVA, M. E. D. **História, memória e identidade quilombola no cariri-cearense**. Universidade federal da paraíba. João Pessoa, p. 1 - 150. 2017.

SOBRINHO, T. P. Topônimos indígenas dos séculos XVI e XVII na costa cearense. **Revistas do Instituto do Ceará**, 1945., p. 156 - 205

STUDART, D. G. **A História do Ceará (segunda metade do século XVIII)**. 1. ed. Lisboa: Typographia do Recreio, 1892.

VARNHAGEN, F. A. D. História geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal. In: VARNHAGEN, F. A. D. *História geral do Brasil: antes de sua separação e independência de Portugal*. Rio de Janeiro: E. e H. Laemmert, 1877, p. 14 -15.



RESTAURANTE DA TIA ZÉLIA: FIXAÇÃO, PATRIMONIALIZAÇÃO E GENTRIFICAÇÃO EM UMA VILA OPERÁRIA

TIA ZÉLIA'S RESTAURANT: FIXATION, PATRIMONIALIZATION AND GENTRIFICATION IN A WORKERS' QUARTER

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar o processo de fixação, patrimonialização e gentrificação na Vila Planalto, uma vila operária no centro do poder, localizada entre a Praça dos Três Poderes e o Palácio da Alvorada, através do restaurante da Tia Zélia, um restaurante do bairro frequentado por uma elite de esquerda e capitaneado pela tia Zélia, que aparece frequentemente na mídia como "cozinheira favorita do presidente Lula". Almeja-se assim compreender, a partir da literatura dos estudos urbanos tratando sobre o bairro e o tombamento de Brasília e do conceito de "gentrificação por dentro" de Arkarapasetkul (2016), como as próprias contradições do bairro atuam para sua fixação, patrimonialização e gentrificação.

Palavras-chave: Brasília; Fixação; Gentrificação; Patrimonialização; Vila Planalto.

Abstract

The objective of this paper is to analyze the process of fixation and gentrification in Vila Planalto, a workers' quarter located right in the center of power, between the Three Powers Plaza and the Palácio da Alvorada, through the restaurant Tia Zélia, a neighbourhood restaurant patronised by a left-wing elite and headed by tia (aunt) Zélia, who is often featured in the media as "the president Lula's favorite cook". We aim, then, to understand, through the lens of the literature of urban studies on both the neighborhood and the "heritage-ization" of Brasília and Arkaraprasetskul's (2016) concept of "gentrification from within", how the contradictions of Vila Planalto act for its fixation, patrimonialisation, and gentrification.

Keywords: Brasília; Fixation; Gentrification; Patrimonialization; Vila Planalto.

* Daniel Anchieta Guimarães Lobo Pinheiro

Recebido em: 25/08/2023
Aceito em: 07/02/2024

1. Introdução

Vila Planalto, nascida como uma vila operária bem no centro do poder, entre a Praça dos Três Poderes e o Palácio da Alvorada, ultimamente passa por um processo de gentrificação¹ concomitante, e mesmo marginalmente ancorado, ao seu reconhecimento como pólo gastronômico recebedor de turistas, servidores públicos lotados na Esplanada e até mesmo altos funcionários e políticos. Nenhum restaurante talvez simbolize tanto as contradições da Vila Planalto quanto a Tia Zélia, um "restaurante de bairro" cuja dona, Zélia, frequentemente aparece na mídia como "cozinheira favorita do Lula", restaurante de culinária nordestina aparentemente simples e rica, e uma clientela que têm incluído políticos proeminentes, estando entre eles o presidente, alto dignitários estrangeiros, e gente no entorno do poder, assim como os moradores locais.

Mas antes de avançar mais, talvez valha a pena escrever mais sobre minha relação com o local e objeto de pesquisa, assim como a metodologia utilizada. Sou morador da Vila Planalto e vizinho do restaurante da Tia Zélia há alguns anos, e durante esses anos todos, tanto como vizinho quanto como freguês, acabei vendo no restaurante da Tia Zélia, um restaurante "gentrificado", frequentado por poderosos, mas ainda local, a trajetória e história de muitos dos meus vizinhos, assim como da própria Vila Planalto. Este trabalho, realizado tanto através da observação participativa quanto através da pesquisa bibliográfica, surge, então, como uma tentativa de melhor esclarecer e conceitualizar essa relação.

2. A Vila Planalto

A Vila Planalto que tem origem em 1956, com o início da construção do Palácio da Alvorada, nas redondezas, e o estabelecimento de acampamentos da construção civil na localidade, passa, segundo Pacheco (2015), por quatro fases distintas: a do "provisório necessário" entre 56 e 64; a do "abandono, estigmatização e fixação" entre 64 e 84; a do "tombamento, colonização e transformações" entre 88 e 2010; e finalmente a "Vila Planalto gourmet" a partir de 2010. A Vila Planalto nasce de forma provisória, somente como acampamento onde residiam os funcionários das construtoras e do governo, e depois vai conseguir permanecer incólume, utilizando-se das suas próprias contradições e desigualdades, durante a ditadura militar:

A permanência da Vila Planalto deve-se em parte à camuflagem causada pela densa vegetação ao redor do perímetro, ocultando as condições internas (ZARUR, 1996; KOHLSDORF, 2010a). *As melhores casas se apresentavam visualmente aos visitantes, ao passo que as edificações mais precárias eram mantidas ocultas da visibilidade, para não evidenciar a pobreza de seu interior. A fachada da Vila não era correspondente com a verdadeira situação. A diversidade interna, tanto econômica, edilícia e social, foi essencial para sua preservação. Os elementos “negativos” dos acampamentos, como a precariedade dos alojamentos coletivos, contrapõem-se aos atributos “favoráveis”, como as residências funcionais e o apoio político à população* (ZARUR, 1991)².

Essas contradições prosperam ainda mais a partir dos anos 80, quando parte da classe média, atraída pela localização e preços baixos, começam a invadir terrenos, ou a comprar cessão de direitos dos pioneiros. Este movimento vai se intensificar mais ainda com a declaração da Vila Planalto como patrimônio cultural do Distrito Federal em 1988 e os movimentos para fixação³ e regularização fundiária na Vila, que culminam com a Lei nº 5.135, de 2013. Ao mesmo tempo, com a "patrimonialização" da Vila Planalto, o governo do Distrito Federal começa a promover a Vila Planalto como ponto turístico, buscando consolidá-la como "polo gastronômico e cultural". Esta promoção da Vila Planalto como um polo gastronômico e cul-tural envolve tentativas de tornar os estabelecimentos do bairro, especialmente restaurantes, mais “palatáveis” para um novo público, incluindo reformulações de design e marca⁴ e é bem sucedida a ponto da gentrificação na Vila Planalto se dar hoje em dia principalmente a partir do setor de serviços⁵.

3. Fixação, patrimonialização e gentrificação

A própria existência da Vila Planalto parece desafiar a imagem de Brasília como uma "cidade utópica modernista" e também como uma cidade "sem origens", um território original-mente vazio⁶. É notável assim a tensão advinda da existência bem no centro de um bairro, que foge a lógica modernista e que precede em data a maioria do seu redor, sendo uma memória do processo de germinação de Brasília, para a construção imagética e narrativa de uma utopia modernista sem história. Mas paradoxalmente, a proximidade dela ao centro do poder causa que suas contradições prosperem:

*Outro motivo para sua permanência foi o fato de que as melhores casas eram habitadas por altos funcionários do governo da União e do Distrito Federal, fator que transformou a visão da continuidade da Vila e de invasões próximas ao centro como algo positivo para empresários da construção civil. Por uma parte, a localização privilegiada da Vila entre os principais edifícios públicos criou reações violentas contra a sua continuidade, mas por outra, gerou simpatia em setores influentes da administração*⁷.

A proximidade física do poder assim como as relações de vizinhança com alguns funcionários residentes na Vila facilita a audição de seus apelos, assim como a torna atrativa para a gentrificação. Ou seja, esta proximidade do poder concorre a favor tanto da fixação da Vila quanto da sua gentrificação, ou melhor, em parte concorre a favor da sua fixação para possibilitar a gentrificação, e é justamente assim que acontece, como podemos ver com a Lei nº 5.135 de 2013. O preço do metro quadrado na Vila Planalto chega a ser o mais caro de Brasília⁸.

A Vila Planalto é tombada em 1988, em meio a esforços maiores de tombamento do Plano Piloto e de outros marcos de Brasília, esforços conduzidos, em grande parte, pelo GT Brasília, e animados principalmente pela ameaça da descaracterização da cidade por parte da especulação imobiliária. A Vila Planalto, até então, havia resistido os esforços de remoção por parte de sucessivos governos, que haviam, ainda assim, logrado uma diminuição considerável de seu espaço⁹.

Os moradores mesmo são inicialmente reticentes quanto ao tombamento como modo de fixação já que consideravam que o tombamento os impediria de reformar suas casas de madeirite. O receio cessa quando os moradores percebem que o tombamento poderia auxiliá-los na luta pela fixação e, a partir daí, os moradores passam a participar ativamente da proposta de fixação com o GT-Brasília¹⁰. Não só isso, mas também criam uma narrativa em busca de legitimação:

A população, com orientação do GT-Brasília, soube agregar à justificativa pela pre-servação e fixação tópicos usados para legitimar a construção de Brasília, como desenvolvimento e esperança, que carregam uma alta carga simbólica associada à idealização da transferência da capital (ZARUR, 1991). *O seu resgate na década de 1980, conforme Zarur (1991), articulou demandas internas pela fixação da Vila Planalto a uma imagem heroica da construção de Brasília e da própria Vila Planalto. Já Coêlho (2006) destaca como o direito de pertencimento ao espaço, em narrativas emanadas da população local, foi associado à sua participação na formação de Brasília, assim como à valorização do conceito de pioneiro, isto é, aquele que chegou à nova capital no início das obras e participou de sua concretização*¹¹.

A narrativa que os moradores adotam para justificar a fixação e o tombamento cons-trói a Vila Planalto não somente como um bairro histórico, mas também como memória viva do pioneirismo e heroísmo da construção de Brasília, adotando a narrativa corrente de uma capital da esperança e heroica. O valor da Vila Planalto é colocado paradoxalmente, em uma cidade que gosta de se pensar sem origem, na sua historicidade, em seu passado como vila operária.

O tombamento acaba servindo, também, como um instrumento de controle. Ao impedir novas construções em áreas vazias e até as substituições das casas de madeira, ele busca controlar o crescimento da Vila Planalto, localizada em uma área sensível, ao mesmo tempo que busca manter a historicidade do conjunto¹².

⁵ HOLANDA, F. *Inclusão e exclusão em Brasília. urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, v.12, e20190306, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/urbe/a/

⁵ HOLANDA, F. *Inclusão e exclusão em Brasília. urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, v.12, e20190306, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/urbe/a/

⁶ COELHO, C. M. *Utopias urbanas: o caso de Brasília e Vila Planalto. Revista Cronos*, [S. l.], v. 9, n. 1, 2012. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/1795. Acesso em: 9 jul. 2023.

⁷ PACHECO, Matías Enrique Ocaranza. **Os limites da gentrificação na Vila Planalto**. 2015. 217 f., il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015, p. 77. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/20737. Acesso em: 28 jun. 2023.

⁸ Idem.

⁹ BARBOSA, Daniela Pereira. **O patrimônio de Brasília além do Plano Piloto: uma análise de dossiês de tombamento, 1959-2014**. 2021. 352 f., il. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/42001. Acesso em: 10 ago. 2023.

¹⁰ BARBOSA, Daniela Pereira; DERNTL, Maria Fernanda. *Embates e questões em torno da preservação de um anterior acampamento de obras em Brasília: O caso da Vila Planalto. Revista Memória em Rede, Pelotas*, v.14, n.26, p. 144-166, jan./jun. 2022. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/21915. Acesso em: 10 ago. 2023.

¹ Gentrificação, tanto comumente quanto no contexto deste trabalho, se refere à mudança do caráter socioeconômico de áreas de classe trabalhadora através do influxo de moradores e frequentadores de classes mais abastadas.

² PACHECO, Matías Enrique Ocaranza. **Os limites da gentrificação na Vila Planalto**. 2015. 217 f., il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015, p. 77. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/20737. Acesso em: 28 jun. 2023.

³ Fixação, no contexto deste trabalho, se refere ao assentamento definitivo do acampamento.

⁴ PACHECO, Matías Enrique Ocaranza. **Os limites da gentrificação na Vila Planalto**. 2015. 217 f., il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015, p. 77. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/20737. Acesso em: 28 jun. 2023.

¹¹ BARBOSA, Daniela Pereira; DERNTL, Maria Fernanda. *Embates e questões em torno da preservação de um anterior acampamento de obras em Brasília: O caso da Vila Planalto. Revista Memória em Rede*, Pelotas, v.14, n.26, p. 12, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/21915>. Acesso em: 10 ago. 2023.

¹² Idem.

¹³ Lilong é o nome dado tanto a um tipo de casa geminada, cuja arquitetura combina elementos tradicionalmente britânicos e chineses, quanto às comunidades em torno delas, caracterizadas por vielas (Arkaraprasertkul, 2016).

¹⁴ "Os moradores antigos de Luz Tranquila compartilharam comigo como os vizinhos se reuniram para concordar com uma 'narrativa coletiva' sobre a história do bairro para contar para as autoridades de realocação. Por exemplo, através da rede de jogadores de mahjong (damajiang delinju) e observadores que ficavam em uma certa ruela, os moradores consistentemente compartilharam um com os outros o que eles sabiam sobre o bairro. Considerando como o fluxo primário de moradores ocorreu durante dois períodos relativamente recentes (depois de 1949 e durante a Revolução Cultural), muitos moradores não estavam familiarizados com a narrativa histórica do bairro. Segundo muitos moradores, eles realmente não sabiam disto, e assim frequentemente perguntavam a pesquisadores visitando o bairro, 'por que este bairro é tão historicamente importante?' A maioria dos moradores não conheciam a história do bairro onde viviam." (Tradução do autor). ARKARAPRASERTKUL, Non. *Gentrification from within: urban social change as anthropological process*. Asian Anthropology, [s.

Ao observar um bairro de casas geminadas, do tipo lilong¹³, no centro de Xangai, a maior metrópole e centro financeiro da China, Arkaraprasertkul (2016) cunha o conceito de gentrification from within, melhor traduzido como gentrificação por dentro. O conceito é criado a partir das estratégias adotadas pelos moradores e proprietários mais antigos, majoritariamente trabalhadores que adquiriram suas casas antes das reformas econômicas dos anos 80, e que, buscando valorizá-las em face da incerteza trazida pelo próprio crescimento frenético de Xangai, procuram, de forma consciente, manufaturar uma narrativa que ressalta a historicidade do bairro:

*The old residents of the Tranquil Light had shared with me how the neighbors got together to decide on the “collective narrative” about the history of the neighborhood to tell the relocation authority. For instance, through the network of mahjong players (damajiang delinju) and observers who hung out at a particular lane, the residents consistently shared with one another what they knew about the neighborhood. Since the primary influx of residents was during two relatively recent periods (after 1949 and during the Cultural Revolution), many residents were not familiar with the historical narrative of the neighborhood. According to many residents, they indeed did not know this, and thus constantly asked researchers visiting the neighborhood, “why is this neighborhood historically important?” Most of the residents did not know the history of the neighborhood in which they lived. (Arkaraprasertkul, 2016, p. 9)*¹⁴.

O discurso de patrimonialização não serve somente para os locatários, que são oriundos não só de Xangai como também de outras partes da China, especialmente províncias vizinhas, e do exterior, como também serve para o governo, ressaltando a importância daquele bairro para a história local, assim como seu potencial econômico e imagético, e aumentando assim a possível indenização caso o bairro seja vitimado pelo ritmo cavalgar da nova China. Os moradores vêem na narrativa de historicidade uma proteção contra suas posições precárias assim como uma oportunidade de lucro e o resultado não é algo que possa se encaixar totalmente no que se tem tipicamente como gentrificação: o perfil do bairro da Luz Tranquila¹⁵ continua a ser diverso e boa parte de seus moradores, apesar de uma certa gentrificação no setor de serviços e chegada de moradores de classe média, ainda são da classe trabalhadora¹⁶.

Os moradores da Vila Planalto também utilizam narrativas sobre a historicidade do bairro para sua fixação e tombamento nos anos 80, em frente, também, à incerteza da irregularidade. E mais tarde, os moradores seguem utilizando de uma narrativa de autenticidade, historicidade e unicidade: como muitos moradores gostam de ressaltar, a Vila Planalto é o único lugar de Brasília¹⁷ onde as ruas têm nomes.

4. O restaurante da Tia Zélia

O restaurante da Tia Zélia é talvez o mais emblemático da forma como a gentrificação parece operar no bairro e também da convivência entre uma Vila Planalto tradicional e uma Vila Planalto gourmet. A tia Zélia, cozinheira de origem baiana, opera desde o final dos anos 90 na Vila, mas fica famosa na década de 2010 como "cozinheira favorita do Lula". Um restaurante de bairro por excelência, onde a dona e os funcionários conhecem os moradores locais, e casa se confunde com rua (a tia Zélia mora numa casa anexa), o restaurante também vira pedaço 18 de uma elite de esquerda, especialmente ligada ao Partido dos Trabalhadores, chegando a ser retratada pela Veja, revista de cariz conservador, como o "restaurante da corte petista"¹⁹.

A estrutura do restaurante em si é relativamente simples, mesmo tendo passado por reforma recentemente, ainda no começo do ano passado. No seu interior, o chão, que era antes batido, agora é de cerâmica, ainda preservando a cor meio de barro. As mesas e as cadeiras são simples, ambas de madeira comum, com as mesas sendo cobertas com panos de cores diferentes, mas padrões similares. No canto, temos alguns refrigeradores, com cerveja e outras bebidas, um móvel, com alguns artigos religiosos católicos e lembranças, e finalmente, um espaço, um tanto kitsch, com fotos da tia Zélia sozinha, acompanhada da família, ou com o Lula e outros políticos petistas como o Paulo Pimenta, algumas fotos e itens relacionados ao Lula, recortes de artigos de jornal mencionando o restaurante e a tia Zélia ou o próprio Lula, e alguns artigos religiosos ou de memorabilia, muitos recordando o Nordeste.

Figura 1 — O "canto" com as fotos.



Fonte: O autor (2023).

Figura 2: As mesas no interior do restaurante



Fonte: Review no Google. Disponível em: < [https://www.google.com/search?q=tia+z%C3%A9lia&oq=tia+z%C3%A9lia&aqs=chrome.0.69i59l3j69i60j69i61j69i60.1442j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8#lpg=cid:CgIgAQ%3D%3D,ik:CAoSLE-FGMVFpcFASUIEQZ01rUFhtdWVaNGtyZFVFZnhYWXREd012ZkplQWFuNzRt](https://www.google.com/search?q=tia+z%C3%A9lia&oq=tia+z%C3%A9lia&aqs=chrome.0.69i59l3j69i60j69i61j69i60.1442j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8#lpg=cid:CgIgAQ%3D%3D,ik:CAoSLE-FGMVFpcFASUIEQZ01rUFhtdWVaNGtyZFVFZnhYWXREd012ZkplQWFuNzRt>)>

Figura 3: A tenda



Fonte: Review do Google. Disponível em: < [https://www.google.com/search?q=tia+z%C3%A9lia&oq=tia+z%C3%A9lia&aqs=chrome.0.69i59l3j69i60j69i61j69i60.1442j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8#lpg=cid:CgIgARICGA1%3D,ik:CAoS-LEFGMVFpcE9xU252Q3dNV1hBdkhUMDhwWkRqWIREaDFBck96V1ZCa2ZGa1R3](https://www.google.com/search?q=tia+z%C3%A9lia&oq=tia+z%C3%A9lia&aqs=chrome.0.69i59l3j69i60j69i61j69i60.1442j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8#lpg=cid:CgIgARICGA1%3D,ik:CAoS-LEFGMVFpcE9xU252Q3dNV1hBdkhUMDhwWkRqWIREaDFBck96V1ZCa2ZGa1R3>)>

I.J., v. 15, n. 1, p. 9, 2016.

¹⁵ Nome fictício usado por Arkaraprasertkul (2016, 2019).

¹⁶ ARKARAPRASERTKUL, Non. *Gentrifying heritage: how historic preservation drives gentrification in urban Shanghai. International Journal of Heritage Studies*, [s. l.], v. 25, n. 9, p. 882-896, 2019.

¹⁷ Aqui Brasília é entendida como a Região Administrativa (RA).

¹⁸ MAGNANI, J. G. C. (2018). *Da periferia ao centro, cá e lá: seguindo trajetos, construindo circuitos. Anuário Antropológico*, 38(2), 53–72. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6857>. Acesso em: 25 jun. 2023.

¹⁹ CALDAS, Leonardo. **A receita do poder: o restaurante que virou reduto da nova corte petista**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/a-receita-do-poder-o-restaurante-que-virou-reduto-da-nova-corte-petista>. Acesso em: 4 jul. 2023.

²⁰ TISCOSKI, Gabriela. *Saiba quem é a cozinheira favorita de Lula, tia Zélia, que vive no Distrito Federal*. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/12/21/saiba-quem-e-a-cozinheira-favorita-de-lula-tia-zelia-que-vive-no-distrito-federal.ghtml>>. Acesso em: 4 jul. 2023.

²¹ Idem.

Do lado de fora, do outro lado da rua, temos uma tenda, com capacidade maior que a parte interna do restaurante. O chão da tenda é de cimento e ela tem dois níveis, um mais próximo à rua, se confundindo com a calçada, outro mais afastado e próximo do “mato”, como chamam alguns moradores, e do estacionamento. As mesas e cadeiras são tanto de madeira quanto de plástico e algumas se estendem para além da tenda, já no gramado. Faz algum tempo, desde um pouco antes da reforma no início do ano, que panos brancos e vermelho cobrem a tenda, alternando os comensais e as mesas.

A comida é simples, de inspiração sertaneja, servida em louças brancas; o cardápio varia de acordo com o dia da semana e, com o restaurante funcionando de segunda à sábado, cada dia tem dois ou três pratos diferentes, com sexta, por exemplo, sendo o dia do cordeiro cozido e feijoada. Marmitas são vendidas em todos os dias de funcionamento e não é incomum encontrar uma fila de clientes, tanto clientes de fora quanto da vizinhança, no balcão, enquanto pedem e esperam por suas marmitas. Já os atendentes do restaurante, vestidos com uma camisa polo, vão e vem num ritmo frenético, atravessando a rua relativamente movimentada com frequência, sugerem pratos, e aprendem ou rememoram os nomes dos clientes. A tia Zélia muitas vezes visita cada mesa e interage com os clientes.

Dois sábados por mês é dia do Samba da Tia Zélia. Começando às 13 horas e frequentemente indo até a noite, é um dia sempre movimentado, com a parte de fora, da tenda, enchendo quase sempre, e que conta muitas vezes com a presença de figuras notáveis da esquerda local ou mesmo do quadro nacional. O samba é produzido em parceria com a MM Cultura, uma produtora cultural brasiliense, bastante envolvida no meio progressista do Plano Piloto.

O restaurante da Tia Zélia se torna famoso pela patronagem de seu mais famoso comensal, o presidente Lula, que o conhece em 2008, e se confunde com a dona, a tia Zélia, conhecida como "cozinheira favorita do Lula"²⁰. Assim, o restaurante se torna o pedaço da esquerda no Plano Piloto atendendo uma visão, senso de si e requerimentos estéticos de uma esquerda petista, não só na sua localização, perto do poder mas ainda em uma vila operária, mas também na estética simples e kitsch — identificada com o PT, e especialmente com o Lula —, na própria culinária, que é simples e sertaneja, na patronagem do Lula, e finalmente na própria tia Zélia, nascida no interior da Bahia, migrada para Brasília em pau de arara, e ex-diarista. É autêntico, e há esforços bem conscientes para manter e abraçar esta imagem, como podemos ver na própria decoração do restaurante, mantida e talvez até destacada após a reforma, assim como há esforços na manutenção de uma estética progressista, como também na captação deste público, algo que pode se notar na elaboração do Samba da Tia Zélia, com uma produtora cultural identificada com o meio progressista, e com um marketing nas redes sociais que foca bastante em um público progressista, frequentemente destacando nos posts bandeiras do PT, da campanha do Lula em 2022, ou bonés do MST.

5. Conclusão

Através do restaurante da Tia Zélia, podemos assim discutir a Vila Planalto como um todo. O restaurante prospera através da política e da sua proximidade com o poder; como vimos mais cedo, o apoio político, e a proximidade da própria Vila ao poder, é fundamental para a fixação da Vila Planalto, e a própria tia Zélia narra para a mídia que ela contou com o suporte e orientação do próprio presidente Lula para resolver a regularização²¹. Mas é uma situação ambígua, que traz um certo nível de gentrificação, ao mesmo tempo que também traz a exigência de atender, e manter, um certo nível de autenticidade enquanto os antigos frequentadores e moradores são substituídos, e assim cresce a demanda por produtos e serviços sofisticados.

Paterniani (2020), através dos arcos do Bexiga, discute o apagamento do negro nos espaços urbanos paulistanos concomitante com a construção da narrativa de São Paulo como uma cidade-industrial branca, construída pelo trabalho livre do imigrante branco europeu; tal apagamento se dá muitas vezes pelo banimento das pessoas negras para as periferias da cidade assim como pela proibição de suas práticas culturais: as quintadeiras negras são removidas das ruas; os mercados negros são transferidos para a periferia; suas casas, igreja, e mesmo terreno do cemitério são desapropriados e demolidos e em cima deles se constrói uma praça; as famílias são removidas para longe do centro. A cidade, e especialmente o centro, se embranquece.

A Vila Planalto, fundada por trabalhadores majoritariamente pardos e negros, enfrenta dilema semelhante, com um embranquecimento perceptível já no censo de 2010, antes da intensificação da gentrificação. No entanto, ao mesmo tempo, seu perfil continua heterogêneo, mesmo com um crescimento notável da classe média, e a gentrificação é mais notável no setor de serviços²². Também, como já notado, a Vila enfrenta o dilema de ser um bairro histórico bem no centro de uma cidade que se pretende “sem origens”. Novamente, porém, ao mesmo tempo, a dinâmica opera de um modo diferente: a própria patrimonialização do bairro, que a insere dentro das imagem e história oficiais de Brasília apesar das contradições impede que haja um banimento total dos moradores da Vila, assim como um apagamento total de seu caráter, como houve no caso paulistano, então ele opera de uma maneira ambígua.

Como podemos ver no caso do bairro Luz Tranquila de Xangai, lá os moradores originais foram e são, por pragmatismo, partícipes do processo de patrimonialização e gentrificação. Eles mesmos constroem uma narrativa, adequada com as ambições de Xangai de grande metrópole internacional, e atuam de forma estratégica para que suas propriedades sejam valorizadas e para que o governo não interfira com os destinos do bairro. Na Vila Planalto, temos uma situação semelhante: após perceberem que o tombamento seria favorável a sua causa, os moradores participam ativamente da elaboração de narrativas que valorizem não somente a Vila como também a eles próprios, e apesar de todas as contradições do bairro, ainda trabalham para adequar esta mesma narrativa a história oficial.

Assim, a gentrificação que ocorre na Vila também não é total. A população continua bastante heterogênea, indo daqueles em extrema-pobreza até as classes mais altas, apesar de um crescimento notável das classes médias e o encarecimento do metro quadrado, que chega a ser um dos mais caros de Brasília. Mas mesmo assim, a gentrificação continua a se dar especialmente pelo setor de serviços, incluindo por estabelecimentos como a Tia Zélia. É uma gentrificação por dentro e pelas bordas, não uma gentrificação total, onde os moradores mais pobres são quase todos expulsos e existe uma mudança notável do seu caráter assim como no perfil de seus moradores. A Vila Planalto é hoje mais caracterizada pela classe média, mas continua um lugar absolutamente heterogêneo.

Com a patrimonialização da Vila dependendo não somente da história e do caráter de seu urbanismo, mas também de seus moradores, os pioneiros, construtores de Brasília, a gentrificação não pode ser totalizada. Os moradores não podem ser todos expulsos e os restaurantes não podem ser todos transformados em vistosos bistrôs franceses. Ela opera pelas bordas e nada mais natural que seus moradores muitas vezes participem dela, visto que desde o começo participam da narrativa patrimonializadora por pragmatismo.

A Vila Planalto, um bairro operário bem no centro de poder de um país desigual e bairro histórico em uma cidade que gosta de se pensar sem origens, é contraditória no seu cerne. As contradições historicamente têm sido trabalhadas ao seu favor: por exemplo, como vimos, a desigualdade da Vila, que precede a onda gentrificadora, a favorece durante a ditadura, que tem como mote na capital federal a erradicação de invasões, pois quem via a Vila de fora, via as casas boas, muitas vezes do funcionalismo público, que não ameaçavam.

A Tia Zélia representa bem as contradições da Vila Planalto. O restaurante não pode se gentrificar por inteiro pois é a certa autenticidade de vila operária que confere seu status como pedaço de uma elite de esquerda, mas também o que possibilita esse status é justamente esse movimento de gentrificação, da qual o restaurante e sua dona mesmo participam, seja elaborando movimentados sambas juntos de uma produtora cultural, ou dando entrevista para a grande mídia.

E é assim que os moradores se fixam, e é assim que os moradores prosperam, ou ao menos, perseguem a prosperidade. Aproveitando-se de narrativas oportunas, ou mesmo as criando e adequando, e atuando e, novamente, se aproveitando, pragmaticamente, de uma autenticidade gentrificada.

Notas

* Graduando em Sociologia na Universidade de Brasília (UnB).
E-mail: danielanchietalobo@gmail.com

²² PACHECO, Matias Enrique Ocaranza. *Os limites da gentrificação na Vila Planalto*. 2015. 217 f., il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/20737>. Acesso em: 28 jun. 2023; HOLANDA, F. *Inclusão e exclusão em Brasília. urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, v.12, e20190306, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/urbe/a/>

Referências

ARKARAPRASERTKUL, Non. Gentrification from within: urban social change as anthropological process. **Asian Anthropology**, [s. l.], v. 15, n. 1, p.1-20, 2016.

ARKARAPRASERTKUL, Non. Gentrifying heritage: how historic preservation drives gentrification in urban Shanghai. **International Journal of Heritage Studies**, [s. l.], v. 25, n. 9, p. 882-896, 2019.

BARBOSA, Daniela Pereira; DERNTL, Maria Fernanda. Embates e questões em torno da preservação de um anterior acampamento de obras em Brasília: O caso da Vila Planalto. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v.14, n.26, p. 144-166, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/Memoria/article/view/21915>. Acesso em: 10 ago. 2023.

BARBOSA, Daniela Pereira. **O patrimônio de Brasília além do Plano Piloto**: uma análise de dossiês de tombamento, 1959-2014. 2021. 352 f., il. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) — Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/42001>. Acesso em: 10 ago. 2023.

CALDAS, Leonardo. **A receita do poder**: o restaurante que virou reduto da nova corte petista. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/a-receita-do-poder-o-restaurante-que-virou-reduto-da-nova-corte-petista>. Acesso em: 4 jul. 2023.

COELHO, C. M. Utopias urbanas: o caso de Brasília e Vila Planalto. **Revista Cronos**, [S. l.], v. 9, n. 1, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/1795>. Acesso em: 9 jul. 2023.

HOLANDA, F. Inclusão e exclusão em Brasília. urbe. **Revista Brasileira de Gestão Urbana**, v.12, e20190306, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/urbe/a/RDfYDGxcZnQypMgGkJ8t9n/?lang=pt>. Acesso em: 8 jul. 2023.

MAGNANI, J. G. C. (2018). Da periferia ao centro, cá e lá: seguindo trajetos, construindo circuitos. **Anuário Antropológico**, 38(2), 53–72. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6857>. Acesso em: 25 jun. 2023.

PACHECO, Matías Enrique Ocaranza. **Os limites da gentrificação na Vila Planalto**. 2015. 217 f., il. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)—Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/20737>. Acesso em: 28 jun. 2023.

PATERNIANI, Stella Zagatto. Raça e cidade: para decolonizar a produção de conhecimento sobre São Paulo. **América** - revista da pós-graduação da escola da cidade, São Paulo, ed. 2, p. 52-63, 2020. Disponível em: <https://ojs.escoladacidade.org/index.php/america/article/view/61>. Acesso em: 28 jun. 2023.

TISCOSKI, Gabriela. **Saiba quem é a cozinheira favorita de Lula, tia Zélia, que vive no Distrito Federal**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/12/21/saiba-quem-e-a-cozinheira-favorita-de-lula-tia-zelia-que-vive-no-distrito-federal.ghtml>>. Acesso em: 4 jul. 2023.



MOBILIDADE URBANA E O
USO DE TRANSPORTES ALTERNATIVOS
NO DISTRITO FEDERAL

URBAN MOBILITY AND THE USE OF ALTERNATIVE
TRANSPORT IN DISTRITO FEDERAL

Resumo

O presente artigo visa compreender a lógica do espaço urbano no Distrito Federal, a partir de uma análise sociológica dos deslocamentos na cidade, considerando a histórica segregação socioespacial, os longos trajetos casa-trabalho e os movimentos pendulares. Também busca apresentar as diferentes formas de transporte e modais presentes nos trajetos diários da cidade. Através dessa análise, propõe-se aprofundar o entendimento sobre o fenômeno dos transportes alternativos e os fatores que levam os cidadãos a optarem por essas opções não convencionais. Busca-se, nesse contexto, inserir como fato motivador da existência de transportes alternativos a segregação socioespacial existente no território do Distrito Federal.

Palavras-chave: Direito à Cidade; Mobilidade Urbana; Segregação Socioespacial.

Abstract

The present article looks to understand the Distrito Federal urban space dynamic, from a sociological analysis of the city travels, considering the historic socio-spatial segregation, the long home-work tracks and the pendulum movement. Also looks to show the different ways and modals of transport present on the daily commutes of the city. Through this analysis, is proposed to go further on the understanding about the phenomenon of the alternative transport and the factors that lead citizens to opt for these non-conventional ways. The article looks to, in this context, insert as a motivational fact of the existence of alternative transport the socio-spatial segregation which exists on the Distrito Federal.

Keywords: Right to the City; Urban Mobility; Socio-spatial segregation.

* Daniel Contreira Falleiros
**Pedro Burity Borges
*** Pedro Henrique Queiroz Marques de Siqueira

Recebido em: 25/03/2022
Aceito em: 19/01/2024